

TRADUÇÃO

CRÍTICA AO MARXISMO¹

Simone Weil²

Tradução de Enio Paulo Giachini³

INTRODUÇÃO

O período atual é um daqueles em que tudo o que normalmente parece constituir uma razão para viver desaparece, quando, sob o risco grave de sucumbir na desordem ou inconsciência, deve-se questionar tudo. Que o triunfo dos movimentos autoritários e nacionalistas está arruinando em todos os lugares a esperança que pessoas corajosas colocaram na democracia e no pacifismo é apenas parte do mal que estamos sofrendo; ele é muito mais profundo e muito mais extenso. É questionável se existe uma área de vida pública ou privada onde as próprias fontes de atividade e esperança não são envenenadas pelas condições em que vivemos. O trabalho não é mais feito com a consciência orgulhosa de que se é útil, mas com o sentimento humilhante e agonizante de possuir um privilégio concedido por um favor passageiro do destino, um privilégio do qual vários seres humanos são excluídos pelo próprio fato de que se desfruta, em suma, de um posto. Os próprios líderes empresariais perderam essa crença ingênua no progresso econômico ilimitado que os fez imaginar que tinham uma missão. O progresso técnico parece ter falhado, uma vez que, em vez de bem-estar, trouxe às massas apenas miséria física e moral, onde as vemos lutando; além disso, as inovações técnicas não são mais admitidas em lugar algum, ou poucas são

¹ Texto extraído do livro *Reflexões sobre as causas da liberdade e da opressão social*, sob o título original “*Critique du marxisme*” (Montreal: Les Éditions Gallimard, 1955, pp. 8-28).

² Simone Weil (Paris, 3 de fevereiro de 1909 – Ashford, 24 de agosto de 1943) foi uma escritora, mística e filósofa francesa, que se tornou operária da Renault para escrever sobre o cotidiano dentro das fábricas.

Lutou na Guerra civil espanhola ao lado dos republicanos, e na Resistência francesa em Londres. Por ser bastante conhecida, foi impedida de retornar à França como pretendia. Acometida de tuberculose, não teria admitido se alimentar além da ração diária permitida aos soldados, nos campos de batalha, ou aos civis pelos tickets de racionamento. Com a progressiva deterioração de seu estado de saúde, em estado de desnutrição, faleceu poucos dias depois de seu internamento hospitalar.

³ Doutor em Filosofia pela UFRJ. Professor da FAE Centro universitário.
E-mail: enio.giachini@bomjesus.br

necessárias, exceto nas indústrias de guerra. Quanto ao progresso científico, é difícil ver como pode ser útil acumular mais conhecimento em um montante que já é muito vasto para ser abraçado pelo próprio pensamento de especialistas; e a experiência mostra que nossos antepassados estavam enganados em acreditar na disseminação do Iluminismo, uma vez que só podemos divulgar às massas uma caricatura miserável da cultura científica moderna, uma caricatura que, longe de formar seu julgamento, os acostuma à credulidade. A própria arte sofre a reação de desordem geral, que em parte a priva de seu público e, assim, mina a inspiração. Finalmente, a vida familiar tornou-se apenas ansiedade, uma vez que a sociedade se fechou para os jovens. A própria geração, para quem a espera febril do futuro é toda a vida vegetando, em todo o mundo, com a consciência de que não tem futuro, de que não há lugar para isso em nosso universo. Além disso, esse mal, mesmo sendo mais agudo para os jovens, é comum a toda a humanidade hoje. Estamos vivendo em um tempo privado de futuro. A expectativa do que virá não é mais esperança, mas angústia.

No entanto, desde 1789, nos deparamos com uma palavra mágica, que contém todos os futuros imagináveis e jamais foi tão rica em esperança como em situações desesperadoras; trata-se da palavra da revolução. É assim que se vem pronunciando essa palavra já há algum tempo. Devemos estar, ao que parece, no meio de um período revolucionário; mas na verdade tudo está acontecendo como se o movimento revolucionário estivesse caindo em decadência com o próprio regime que aspira destruir. Por mais de um século, cada geração de revolucionários esperava a cada vez uma revolução futura; hoje, essa esperança perdeu tudo o que poderia servir de apoio a ela. Nem no regime resultante da Revolução de outubro, nem nas duas internacionais, nem nos partidos socialistas ou comunistas independentes, nem nos sindicatos, nem nas organizações anarquistas, nem nos pequenos grupos de jovens que surgiram em tão grande número há algum tempo, pode-se encontrar algo vigoroso, saudável ou puro; por muito tempo a classe trabalhadora não deu nenhum sinal daquela espontaneidade em que Rosa Luxemburgo confiava, e que, além disso, nunca se manifestou, exceto para ser imediatamente afogada em sangue; as classes médias são seduzidas pela revolução somente quando ela é evocada, com propósitos demagógicos, por ditadores aprendizes. Muitas vezes se repete que a situação é objetivamente revolucionária, e que só o “fator subjetivo” está faltando; como se a deficiência total da própria força que por si só poderia transformar o regime não fosse um caráter objetivo da situação atual, e cujas raízes devem ser buscadas na estrutura de nossa sociedade! É por isso que o primeiro dever imposto a nós pelo período

atual é ter coragem intelectual suficiente para nos perguntar se o termo revolução é algo mais que uma palavra, se tem um conteúdo preciso, se não é simplesmente uma das muitas mentiras que o regime capitalista despertou em sua ascensão e que a crise atual está nos fazendo o serviço de dissipar. Esta questão parece ímpia, por causa de todos os seres nobres e puros que sacrificaram tudo, incluindo suas vidas, a esta palavra. Mas somente os sacerdotes podem alegar medir o valor de uma ideia pela quantidade de sangue que derramou. Quem sabe se os revolucionários não derramaram seu sangue em vão como os gregos e troianos do poeta que, enganados por uma falsa aparência, lutaram por dez anos em torno da sombra de Helena?

CRÍTICA AO MARXISMO

Até hoje, todos aqueles que sentiram a necessidade de fundamentar seus sentimentos revolucionários com concepções precisas encontraram ou acreditaram encontrar essas concepções em Marx. Entende-se de uma vez por todas que Marx, graças à sua Teoria Geral da história e à sua análise da sociedade burguesa, demonstrou a necessidade inevitável de uma iminente reviravolta, em que a opressão que o regime capitalista nos faz sofrer seria abolida; e mesmo, por estar convencido disso, geralmente dispensamos de examinar mais de perto a demonstração. O “socialismo científico” passou para o estado de dogma, assim como todos os resultados obtidos pela ciência moderna fizeram, resultados nos quais todos pensam que têm o dever de acreditar, sem nunca pensar em perguntar sobre o método. No que diz respeito a Marx, se alguém procura realmente assimilar sua demonstração, percebe imediatamente que ela envolve muito mais dificuldades do que os propagandistas do “socialismo científico” sugerem.

Para dizer a verdade, Marx dá um relato admirável do mecanismo da opressão capitalista; mas ele dá um relato tão bom disso que é difícil imaginar como esse mecanismo poderia deixar de funcionar. Normalmente, apenas o aspecto econômico é retido dessa opressão, ou seja, a extorsão da mais-valia; e se mantivermos esse ponto de vista, certamente é fácil explicar às massas que essa extorsão está ligada à concorrência, ela mesma ligada à propriedade privada, e que no dia em que a propriedade se torna coletiva tudo ficará bem. No entanto, mesmo dentro dos limites desse raciocínio aparentemente simples, mil dificuldades surgem para uma consideração cuidadosa. Porque Marx mostrou claramente que a verdadeira razão para a exploração dos trabalhadores não é o desejo dos capitalistas de desfrutar e

consumir, mas a necessidade de expandir a empresa o mais rápido possível para torná-la mais poderosa do que seus concorrentes. Ora, não é só a empresa, mas todo tipo de comunidade de trabalho, seja ela qual for, que precisa restringir o consumo de seus membros, tanto quanto possível, a fim de dedicar o máximo de tempo possível para forjar armas contra comunidades rivais; de modo que, enquanto houver, na superfície do globo, uma luta pelo poder, e enquanto o fator decisivo da vitória for a produção industrial, os trabalhadores serão explorados. Para dizer a verdade, Marx assumiu precisamente, sem prová-lo, que qualquer tipo de luta pelo poder desaparecerá no dia em que o socialismo for estabelecido em todos os países industriais; o único infortúnio é que, como o próprio Marx reconheceu, a revolução não pode ser realizada em todos os lugares ao mesmo tempo; e quando é realizada em um país, não suprime, para esse país, mas, pelo contrário, acentua a necessidade de explorar e oprimir as massas trabalhadoras, por medo de serem mais fracas do que outras nações. É disso que a história da Revolução Russa é uma ilustração dolorosa.

Se considerarmos outros aspectos da opressão capitalista, aparecem outras dificuldades ainda mais formidáveis, ou, para melhor dizer, a mesma dificuldade, iluminada por uma jornada mais cruel. O poder que a burguesia possui para explorar e oprimir os trabalhadores está nos próprios fundamentos de nossa vida social e não pode ser destruído por nenhuma transformação política e jurídica. Esta força é, em primeiro lugar, o próprio regime da produção moderna, nomeadamente a indústria de grande escala. Sobre este assunto, abundam fórmulas vigorosas, em Marx, sobre a escravização do trabalho vivo ao trabalho morto, “a reversão da relação entre o objeto e o sujeito”, “a subordinação do trabalhador às condições materiais do trabalho”. “Na fábrica”, ele escreve no *Capital*, “existe um mecanismo independente dos trabalhadores e que os incorpora como engrenagens vivas... A separação entre as forças espirituais que intervêm na produção e no trabalho manual, e a transformação das primeiras no poder do capital sobre o trabalho, encontram sua conclusão na grande indústria baseada na maquinaria. O detalhe do destino individual do operador da máquina desaparece como um nada diante da ciência, as formidáveis forças naturais e o trabalho coletivo que são incorporados ao conjunto de máquinas e constituem com elas o poder do mestre”. Assim, a completa subordinação do trabalhador à empresa e àqueles que a administram é baseada na estrutura da fábrica, e não no regime de propriedade. Da mesma forma, “a separação entre as forças espirituais que intervêm na produção e no trabalho manual”, ou, de acordo com outra fórmula, “a divisão degradante do trabalho em trabalho manual e trabalho intelectual” é a própria base

de nossa cultura, que é uma cultura de especialistas. A ciência é um monopólio, não por causa de uma má organização da educação pública, mas por sua própria natureza; os leigos têm acesso apenas aos resultados, não aos métodos, ou seja, só podem acreditar e não assimilar. O próprio “socialismo científico” permaneceu o monopólio de alguns, e os” intelectuais “ infelizmente têm os mesmos privilégios no movimento operário que na sociedade burguesa. E o mesmo acontece novamente no plano político. Marx tinha visto claramente que a opressão estatal é baseada na existência de aparatos governamentais permanentes e distintos da população, ou seja, os aparatos burocráticos, militares e policiais; mas esses aparatos permanentes são o efeito inevitável da distinção radical que realmente existe entre as funções de liderança e as funções de execução. Neste ponto, novamente, o movimento operário reproduz plenamente os vícios da sociedade burguesa. Em todos os níveis, enfrentamos o mesmo obstáculo. Toda a nossa civilização é baseada na especialização, o que implica a escravização daqueles que executam para aqueles que coordenam; e em tal base, só se pode organizar e aperfeiçoar a opressão, mas não aliviá-la. Longe de a sociedade capitalista ter desenvolvido dentro de si as condições materiais para um regime de liberdade e igualdade, o estabelecimento de tal regime pressupõe uma transformação preliminar da produção e da cultura.

Que Marx e seus seguidores foram capazes de acreditar, no entanto, na possibilidade de uma democracia eficaz com base na civilização atual é o que só pode ser entendido se sua teoria do desenvolvimento das forças produtivas for levada em consideração. É bem sabido que, aos olhos de Marx, esse desenvolvimento constitui, em última análise, o verdadeiro motor da história, sendo quase ilimitado. Cada regime social, cada classe dominante tem por sua “tarefa”, por sua “missão histórica”, levar as forças produtivas a um grau cada vez mais alto, até o dia em que todo progresso adicional é interrompido pelos quadros sociais; naquele momento as forças produtivas se revoltam, quebram esses quadros e uma nova classe toma o poder. Constatar que o regime capitalista está esmagando milhões de pessoas, isso só nos permite condená-lo moralmente; o que constitui a condenação histórica do regime é o fato de que, depois de ter possibilitado o progresso da produção, agora o está dificultando. A tarefa das revoluções consiste essencialmente na emancipação não dos homens, mas das forças produtivas. De fato, fica claro que, assim que estes alcançaram um desenvolvimento suficiente para que a produção fosse realizada à custa de um pequeno esforço, as duas tarefas coincidem; e Marx assumiu que este é o caso em nosso tempo. Foi essa suposição que lhe permitiu estabelecer um

acordo indispensável à sua tranquilidade moral entre suas aspirações idealistas e sua concepção materialista da história. Segundo ele, a técnica atual, uma vez libertada das formas capitalistas da economia, pode dar aos homens, a partir de agora, lazer suficiente para permitir-lhes um desenvolvimento harmonioso de suas faculdades e, conseqüentemente, fazer desaparecer até certo ponto a especialização degradante estabelecida pelo capitalismo; e, acima de tudo, o desenvolvimento posterior da técnica deve paulatinamente aliviar dia a dia o peso da necessidade material, e por uma consequência imediata o peso da restrição social, até que a humanidade finalmente chegue a um estado estritamente paradisíaco, onde a produção mais abundante custaria um esforço insignificante, onde a antiga maldição do trabalho seria levantada, em suma, ter-se-ia encontrado a felicidade de Adão e Eva de antes de sua culpa. É bastante claro, a partir dessa concepção, a posição dos bolcheviques e por que todos eles, incluindo Trotsky, tratam as ideias democráticas com desprezo soberano. Eles se viram impotentes para alcançar a democracia operária prevista por Marx; mas não se incomodam por tão pouco, convencidos de que, por um lado, qualquer tentativa de ação social que não consista no desenvolvimento das forças produtivas está condenada da avareza ao fracasso, por outro lado, que qualquer progresso das forças produtivas faz avançar a humanidade no caminho da libertação, mesmo que seja à custa da opressão temporária. Com tal segurança moral, não é de surpreender que eles tenham espantado o mundo com sua força.

É raro, no entanto, que as crenças reconfortantes sejam ao mesmo tempo razoáveis. Mesmo antes de examinar a concepção marxista das forças produtivas, fica-se impressionado com o caráter mitológico que ela apresenta em toda a literatura socialista, onde é aceito como postulado. Marx nunca explica por que as forças produtivas tendem a aumentar; ao admitir essa tendência misteriosa sem provas, ele é semelhante não a Darwin, como gostava de acreditar, mas a Lamarck, que da mesma forma baseou todo o seu sistema biológico em uma tendência inexplicável de os seres vivos se adaptarem. Da mesma forma, por que, quando as instituições sociais se opõem ao desenvolvimento das forças produtivas, a vitória deve pertencer antecipadamente a essas e não àquelas? Marx obviamente não assume que os homens transformam conscientemente seu estado social para melhorar sua situação econômica; ele sabe muito bem que até hoje as transformações sociais nunca foram acompanhadas por uma consciência clara de seu alcance real; ele, portanto, admite implicitamente que as forças produtivas possuem uma virtude secreta que lhes permite superar obstáculos. Finalmente, por que ele coloca sem demonstração, e como uma

verdade óbvia, que as forças produtivas são capazes de desenvolvimento ilimitado? Toda essa doutrina, na qual a concepção marxista da revolução se baseia inteiramente, é absolutamente desprovida de qualquer caráter científico. Para entendê-lo, é preciso lembrar as origens Hegelianas do pensamento marxista. Hegel acreditava em um espírito oculto em ação no universo, e que a história do mundo é simplesmente a história desse espírito do mundo, que, como tudo espiritual, tende indefinidamente à perfeição. Marx afirmou “colocar de pé” a dialética hegeliana, que ele acusou de estar “de cabeça para baixo”; ele substituiu o espírito pela matéria como o motor da história; mas por um paradoxo extraordinário, ele concebeu a história, a partir dessa retificação, como se atribuísse à matéria o que é a própria essência do espírito, uma aspiração perpétua pelo melhor. Por isso, ademais, ele concordou profundamente com a corrente geral do pensamento capitalista; transferir o princípio do progresso do espírito para as coisas é dar uma expressão filosófica àquela “reversão da relação entre o sujeito e o objeto” em que Marx viu a própria essência do capitalismo. A ascensão da grande indústria fez das forças produtivas a divindade de uma espécie de religião, cuja influência Marx sofreu apesar de si mesmo na elaboração de sua concepção da história. O termo religião pode ser uma surpresa quando se trata de Marx; mas acreditar que nossa vontade converge com uma vontade misteriosa que estaria em ação no mundo e nos ajudaria a vencer, é pensar religiosamente, é acreditar na Providência. Além disso, o próprio vocabulário de Marx atesta isso, pois contém expressões quase místicas, como “a missão histórica do proletariado”. Esta religião das forças produtivas em nome da qual gerações de líderes empresariais esmagaram as massas trabalhadoras sem o menor remorso é também um fator de opressão dentro do movimento socialista; todas as religiões fazem do homem um mero instrumento da Providência, e o socialismo também coloca os homens a serviço do progresso histórico, isto é, do progresso da produção. É por isso que, qualquer que seja o ultraje infligido à memória de Marx pelo culto votado a Ele pelos opressores russos modernos não é totalmente imerecido. Marx, é verdade, nunca teve nenhuma outra motivação além de uma generosa aspiração pela liberdade e igualdade; apenas essa aspiração, separada da religião materialista com a qual se fundiu em seu espírito, agora pertence apenas ao que Marx desdenhosamente chamou de socialismo utópico. Se o trabalho de Marx não contivesse nada mais valioso, poderia ser esquecido sem inconvenientes, com exceção pelo menos das análises econômicas.

Mas este não é o caso; encontramos em Marx outra concepção além deste hegelianismo retrógrado, ou seja, um materialismo que não tem mais nada de religioso

e não constitui uma doutrina, mas um método de conhecimento e ação. Não é incomum que grandes mentes vejam duas concepções distintas e até incompatíveis se fundirem dessa maneira devido à inevitável imprecisão da linguagem; absorvidos na elaboração de novas ideias, eles não têm tempo para examinar criticamente o que encontraram. A grande ideia de Marx é que na sociedade e na natureza nada é realizado além de transformações materiais. “Os homens fazem sua própria história, mas sob certas condições”. O desejo não é nada, devemos conhecer as condições materiais que determinam nossas possibilidades de ação; e no campo social, essas condições são definidas pela maneira como o homem obedece às necessidades materiais, suprindo suas próprias necessidades, ou seja, pelo modo de produção. Uma melhoria metódica da organização social pressupõe, antes de tudo, um estudo aprofundado do modo de produção, a fim de descobrir, por um lado, o que se pode esperar disso, em um futuro imediato e distante, do ponto de vista do rendimento, por outro lado, quais formas de organização social e cultura são compatíveis com ela e, finalmente, como ela pode ser transformada. Somente seres irresponsáveis podem negligenciar tal estudo e, mesmo assim, reivindicar governar a sociedade; e, infelizmente, esse é o caso em todos os lugares, tanto nos círculos revolucionários quanto nos círculos dominantes. O método materialista, este instrumento que nos foi legado por Marx, é um instrumento virgem; nenhum marxista realmente o usou, começando pelo próprio Marx. A única ideia realmente valiosa que se encontra na obra de Marx é a única também que foi completamente negligenciada. Não é de surpreender que os movimentos sociais que surgiram de Marx tenham falido.

A primeira pergunta a fazer é a do desempenho no trabalho. Existe alguma razão para supor que a tecnologia moderna, em seu nível atual, é capaz, assumindo uma distribuição equitativa, de proporcionar a todos bem-estar e lazer suficientes para que o desenvolvimento do indivíduo deixe de ser prejudicado pelas condições modernas de trabalho? Parece que há muitas ilusões sobre isso, habilmente mantidas pela demagogia. Não são os ganhos ou lucros que devem ser calculados; aqueles lucros que são reinvestidos na produção seriam, em geral, retirados dos trabalhadores sob todos os regimes. Seria necessário ser capaz de somar todo o trabalho que poderia ser dispensado à custa de uma transformação do regime de propriedade. Novamente, a questão não seria resolvida por isso; é necessário levar em conta o trabalho que a reorganização completa do aparato de produção implicaria, uma reorganização necessária para que a produção seja adaptada ao seu novo propósito, ou seja, o bem-estar das massas; não se deve esquecer que a fabricação de armamentos não seria

abandonada antes que o regime capitalista fosse destruído em todos os lugares; acima de tudo, deve-se prever que a destruição do lucro individual, ao mesmo tempo em que certas formas de desperdício desapareceriam, necessariamente daria origem a outras. Cálculos precisos são obviamente impossíveis de estabelecer; mas eles não são essenciais para ver que a supressão da propriedade privada estaria longe de ser suficiente para impedir que o trabalho das minas e fábricas continuasse a pesar como escravidão sobre aqueles que estão sujeitos a ela.

Mas, se o estado atual da técnica não é suficiente para libertar os trabalhadores, Podemos pelo menos razoavelmente esperar que seja destinado a um desenvolvimento ilimitado, o que implicaria um aumento ilimitado da produtividade do trabalho? Isto é o que todos admitem, tanto entre capitalistas e socialistas, e sem o menor estudo prévio da questão; basta que o rendimento do esforço humano tenha aumentado de uma forma inédita por três séculos para esperar que esse aumento continue no mesmo ritmo. Nossa chamada cultura científica nos deu esse hábito fatal de generalizar, de extrapolar arbitrariamente, em vez de estudar as condições de um fenômeno e os limites que elas implicam; e Marx, quem em seu método dialético deveria ter preservado de tal erro, caiu nesse ponto como os outros.

O problema é importante e, tal a determinar todas as nossas perspectivas; deve ser formulado com a máxima precisão. Para isso, é importante saber em primeiro lugar em que consiste o progresso técnico, quais fatores estão envolvidos nele e examinar cada fator separadamente; porque sob o nome de progresso técnico, confundem-se processos completamente diferentes e que oferecem diferentes possibilidades de desenvolvimento. O primeiro método disponível ao homem para produzir mais com menos esforço é o uso de fontes naturais de energia; e é verdade em certo sentido que não podemos atribuir um limite preciso aos benefícios desse processo, porque não sabemos quais novas energias um dia seremos capazes de usar; mas isso não quer dizer que pode haver perspectivas de progresso indefinido neste caminho, nem que o progresso seja geralmente assegurado ali. Pois a natureza não nos dá essa energia, de qualquer forma que se apresente, na força animal, carvão ou petróleo; ela deve ser arrancada dela e transformada por nosso trabalho para adaptá-la aos nossos próprios fins. Mas este trabalho não se torna necessariamente menor com o passar do tempo; atualmente, o oposto está acontecendo até para nós, já que a extração de carvão e petróleo está constante e automaticamente se tornando menos efetiva e mais cara. Além disso, os depósitos atualmente conhecidos estão destinados a se esgotar após um tempo relativamente curto. Novos lençóis podem ser encontrados; mas a busca,

a instalação de novas zonas de exploração, algumas das quais provavelmente falharão, tudo isso será caro; além disso, não sabemos quantos depósitos desconhecidos existem em geral e, em qualquer caso, a quantidade não será ilimitada. Também podemos encontrar, e provavelmente um dia encontraremos novas fontes de energia; só não há garantia de que o uso dela exigirá menos trabalho do que o uso de carvão ou óleos pesados; o oposto também é possível. A rigor, pode até acontecer que o uso de uma fonte de energia natural custe mais trabalho do que os esforços humanos que estamos tentando substituir. Neste campo, é o acaso que decide; porque a descoberta de uma fonte de energia nova e facilmente acessível ou um processo de transformação econômica para uma fonte de energia conhecida não é uma daquelas coisas a que certamente se chega, bastando que se pense metodicamente e dedique tempo a ela. Estamos iludidos sobre isso porque estamos acostumados a considerar o desenvolvimento da ciência de fora e como um todo; não percebemos que, se alguns resultados científicos dependem apenas do bom uso que o cientista faz de sua razão, outros têm a condição de algum feliz acaso. Este é o caso no que diz respeito ao uso das forças da natureza. Certamente qualquer fonte de energia é transformável com certeza; mas o cientista não tem certeza de encontrar no decorrer de sua pesquisa algo economicamente vantajoso mais do que o explorador de alcançar um território fértil. Um exemplo instrutivo disso pode ser encontrado nos famosos experimentos sobre a energia térmica dos mares, em torno dos quais tanto barulho foi feito, e tão em vão. Ora, uma vez que o acaso entra em jogo, a noção de progresso contínuo não é mais aplicável. Assim, esperar que o desenvolvimento da ciência leve algum dia, de uma forma automática, à descoberta de uma fonte de energia que seria utilizável de forma quase imediata para todas as necessidades humanas é sonhar. Não se pode mostrar que isso é impossível; e, na verdade, também é possível que um belo dia alguma transformação repentina da ordem astronômica conceda a vastas extensões do globo terrestre o clima encantador que, diz-se, permite que certos povos primitivos vivam sem trabalho; mas as possibilidades dessa ordem nunca devem ser levadas em consideração. No geral, não seria razoável fingir determinar agora o que o futuro reserva para a raça humana nesta área.

Além disso, há apenas um outro recurso que permite reduzir a soma do esforço humano, ou seja, o que pode ser chamado, usando uma expressão moderna, a racionalização do trabalho. Dois aspectos podem ser distinguidos: um que diz respeito à razão entre esforços simultâneos, o outro a razão entre esforços sucessivos; em ambos os casos, o progresso consiste em aumentar o rendimento dos esforços pela

maneira como eles são combinados. É claro que, neste campo, podemos pelo menos ignorar os riscos e que a noção de progresso tem um significado nisso; a questão é se esse progresso é ilimitado e, se não, se ainda estamos longe do limite. Quanto ao que pode ser chamado de racionalização do trabalho no espaço, os fatores de economia são a concentração, divisão e coordenação do trabalho. A concentração do trabalho implica a redução de todos os tipos de despesas que podem ser incluídas sob o nome de despesas gerais, entre as quais, despesas relativas às instalações, transporte, e às vezes ferramentas. A divisão do trabalho, por outro lado, tem efeitos muito mais surpreendentes. Às vezes, torna possível obter uma rapidez considerável na execução de obras que trabalhadores individuais também poderiam realizar, mas muito mais lentamente, e isso porque todos teriam que fazer por conta própria o esforço de coordenação que a organização do trabalho permite que um único homem assuma em nome de muitos outros; a famosa análise de Adam Smith sobre a fabricação de pinos fornece um exemplo disso. Às vezes, e é isso que mais importa, a divisão e a coordenação dos esforços tornam possíveis obras colossais que excederiam infinitamente as possibilidades de um único homem. Também é necessário levar em conta as economias que a especialização regional permite em termos de transporte de energia e matérias-primas, e provavelmente muitas outras economias que seriam muito demorado procurar. De qualquer forma, assim que se olha para o atual regime de produção, parece bastante claro não só que esses fatores de economia têm um limite além do qual se tornam fatores de despesa, mas também que esse limite é atingido e excedido. Há anos, a expansão das empresas tem sido acompanhada não por uma diminuição, mas por um aumento nos custos indiretos; a operação da empresa, que se tornou muito complexa para permitir um controle efetivo, deixa uma margem cada vez maior de resíduos e causa uma extensão acelerada e provavelmente até certo ponto parasitária do pessoal designado para a coordenação das várias partes da empresa. A extensão do comércio, que uma vez desempenhou um papel formidável como fator de progresso econômico, também está começando a causar mais custos do que evita, porque as mercadorias permanecem improdutivas por um longo tempo, porque o pessoal designado para o comércio também está aumentando em um ritmo acelerado e porque o transporte consome energia cada vez maior devido a inovações projetadas para aumentar a velocidade, inovações que são necessariamente cada vez mais caras e cada vez menos eficientes à medida que se seguem. Assim, em todos esses aspectos, o progresso hoje é transformado, de maneira estritamente matemática, em regressão.

O progresso devido à coordenação dos esforços ao longo do tempo é provavelmente o fator mais importante no progresso técnico; também é o mais difícil de analisar. Desde Marx, costuma-se designá-lo falando da substituição do trabalho morto pelo trabalho vivo, uma fórmula de formidável imprecisão, no sentido de evocar a imagem de uma evolução contínua em direção a um estágio da tecnologia em que, se pudermos falar dessa maneira, todo o trabalho a ser feito já estaria feito. Esta imagem é tão quimérica quanto a de uma fonte natural de energia que seria tão imediatamente acessível ao homem quanto a sua própria força vital. A substituição em questão simplesmente busca lançar mão de movimentos que permitiriam obter certos resultados diretamente de outros movimentos que produzem esse resultado indiretamente graças ao arranjo atribuído às coisas inertes; está sempre confiando à matéria o que parecia ser o papel do esforço humano, mas em vez de usar a energia que certos fenômenos naturais fornecem, usamos a resistência, a solidez, a dureza que certos materiais possuem. Em ambos os casos, as propriedades da matéria cega e indiferente podem ser adaptadas aos fins humanos apenas pelo trabalho humano; e em ambos os casos a razão proíbe admitir antecipadamente que este trabalho de adaptação deve necessariamente ser menor do que o esforço que os homens devem fazer para alcançar diretamente o fim que eles têm em vista. Mas, enquanto o uso de fontes naturais de energia depende, em grande medida, de encontros imprevisíveis, o uso de materiais inertes e resistentes geralmente se dá de acordo com uma progressão contínua que pode ser abraçada e estendida pelo pensamento quando se vislumbra o princípio. O primeiro passo, tão antigo quanto a humanidade, consiste em confiar aos objetos colocados em lugares adequados todos os esforços de resistência com o objetivo de impedir certos movimentos por parte de certas coisas. O segundo estágio define a maquinaria propriamente dita; a maquinaria tornou-se possível no dia em que se percebeu que não só se poderia usar matéria inerte para garantir a imobilidade onde era necessário, mas também encarregá-la da manutenção das relações permanentes de movimentos entre si, relações que até então tinham que ser estabelecidas cada vez pelo pensamento. Para isso, é necessário e suficiente que essas relações tenham sido inscritas, transpondo-as, nas formas impressas na matéria sólida. Assim, um dos primeiros avanços que pavimentaram o caminho para a maquinaria consistiu em isentar o tecelão de adaptar a escolha dos fios a serem puxados em seu tear ao desenho do tecido, e isso graças a um papelão perfurado com furos que correspondem ao desenho. Se as transposições desta ordem nos vários tipos de trabalho foram obtidas pouco a pouco e graças a Invenções aparentemente devidas à inspiração ou

ao acaso, é porque o trabalho manual combina os elementos permanentes que ele contém de forma a ocultá-los via de regra sob a aparência de variedade; é por isso que o trabalho fragmentado das manufaturas deve ter precedido a grande indústria. Finalmente, a terceira e última etapa corresponde à técnica automática, que está apenas começando a aparecer; o princípio disso reside na possibilidade de confiar à máquina não apenas uma operação sempre idêntica a si mesma, mas também um conjunto de operações variadas. Este conjunto pode ser tão vasto, tão complexo quanto se deseja; só é necessário que seja uma variedade definida e limitada com antecedência. A técnica automática, que ainda está em um estado um tanto primitivo, pode, portanto, teoricamente se desenvolver indefinidamente; e o uso de tal técnica para satisfazer as necessidades humanas não tem outros limites além daqueles impostos pela participação do imprevisto nas condições da existência humana. Se fosse possível projetar condições de vida sem absolutamente nenhum imprevisto, o mito americano do robô faria sentido, e a supressão completa do trabalho humano por um arranjo sistemático do mundo seria possível. Este não é o caso, e estas são apenas ficções; ainda assim, seria útil ainda elaborar essas ficções, como um limite ideal, se os homens pelo menos tivessem o poder de reduzir gradualmente por algum método essa parte do inesperado em suas vidas. Mas também não é esse o caso, e nenhuma técnica jamais isentará os homens de renovar e adaptar continuamente, com o suor de sua testa, as ferramentas que usam.

Nessas condições, é fácil conceber que um certo grau de automatismo pode ser mais caro nos esforços humanos do que em menor grau. Pelo menos é fácil concebê-lo abstratamente; é quase impossível chegar a uma avaliação concreta nesta questão devido ao grande número de fatores que teriam que ser levados em consideração. A extração dos metais a partir dos quais as máquinas são feitas só pode ser realizada com trabalho humano; e, como são minas, o trabalho se torna cada vez mais árduo à medida que é realizado, sem mencionar que os depósitos conhecidos provavelmente se esgotarão de maneira relativamente rápida; os homens se reproduzem, não o ferro. Também não se deva esquecer, embora os balanços financeiros, as estatísticas, as obras dos economistas desdenhem notá-lo, que o trabalho das minas é mais doloroso, mais exaustivo, mais perigoso do que a maioria dos outros trabalhos; ferro, carvão, potássio, todos esses produtos estão manchados de sangue. Além disso, as máquinas automáticas são vantajosas apenas na medida em que são usadas para produzir em série e em grandes quantidades; sua operação está, portanto, ligada à desordem e ao desperdício causados pela centralização econômica exagerada; por outro lado, criam

a tentativa de produzir muito mais do que o necessário para satisfazer necessidades reais, o que leva ao gasto sem ganho de tesouros de força humana e matérias-primas. Também não devemos esquecer as despesas que qualquer progresso técnico implica, devido à pesquisa preliminar, a necessidade de adaptar outros ramos da produção a esse progresso, o abandono de equipamentos antigos que muitas vezes são rejeitados quando poderiam ter sido usados por um longo tempo. Nada disso sequer poderá ser minimamente mensurado. O que fica claro, no geral, é que quanto maior o nível da técnica, mais as vantagens que o novo progresso pode trazer diminuem em comparação com as desvantagens. No entanto, não temos como perceber claramente se estamos perto ou longe do limite a partir do qual o progresso técnico deve se transformar em um fator de regressão econômica. Só podemos tentar adivinhar isso empiricamente, com base na maneira como a economia atual está se desenvolvendo.

Mas o que estamos vendo é que nos últimos anos, em quase todos os setores, as empresas se recusaram sistematicamente a receber inovações técnicas. A imprensa socialista e comunista tira deste fato declamações eloquentes contra o capitalismo, mas não consegue explicar por que milagre as inovações atualmente caras se tornariam economicamente vantajosas sob um regime socialista ou assim chamado. É mais razoável supor que nesta área não estamos longe do limite do progresso útil; e mesmo, dado que a complicação das relações econômicas atuais e a tremenda extensão do crédito impedem que os líderes empresariais percebam imediatamente que um fator outrora vantajoso deixou de ser assim, pode-se concluir, com todas as reservas convenientes a um problema tão confuso, que presumivelmente esse limite já foi excedido.

Um estudo sério da questão deve, de fato, levar em consideração muitos outros elementos. Os vários fatores que contribuem para aumentar o desempenho no trabalho não se desenvolvem separadamente, embora devam ser separados na análise; eles se combinam, e essas combinações produzem efeitos difíceis de prever. Além disso, o progresso técnico não é usado apenas para obter de forma barata o que foi obtido anteriormente com grande esforço; também torna possíveis obras que teriam sido quase inimagináveis sem ele. O valor dessas novas possibilidades deve ser examinado, levando em consideração o fato de que elas não são apenas possibilidades de construção, mas também de destruição. Mas tal estudo deve necessariamente levar em conta as relações econômicas e sociais que estão necessariamente relacionadas a uma forma determinada da técnica. Por enquanto, basta ter entendido que a possibilidade de novos progressos no que diz respeito ao desempenho do trabalho

não está livre de dúvidas; que, ao que parece, existem atualmente tantas razões para esperar que diminua quanto que aumente; e, mais importante, que um aumento contínuo e ilimitado neste desempenho é estritamente inconcebível. Foi apenas a intoxicação produzida pela velocidade do progresso técnico que deu origem à ideia maluca de que o trabalho poderia um dia se tornar supérfluo. No plano da ciência pura, essa ideia foi traduzida na busca pela “máquina de movimento perpétuo”, ou seja, a máquina que produziria trabalho indefinidamente sem jamais se consumir; e os cientistas fizeram justiça a ela sopesando a lei da conservação da energia. No âmbito social, as divagações são melhor recebidas. O “estágio superior do comunismo”, considerado por Marx como o último termo da evolução social, é, em suma, uma utopia absolutamente análoga à do movimento perpétuo. E foi em nome dessa utopia que os revolucionários derramaram seu sangue. Ou melhor, eles derramaram seu sangue em nome dessa utopia ou da crença igualmente utópica de que o atual sistema de produção poderia ser acionado por um simples decreto a serviço de uma sociedade de homens livres e iguais. Por que deveríamos ficar surpresos se todo esse sangue fluiu em vão? A história do movimento operário é assim iluminada sob uma luz cruel, mas particularmente vívida. Pode ser resumida em sua totalidade, observando que a classe trabalhadora só mostrou força na medida em que serviu a algo totalmente diverso da revolução operária. O movimento operário tem sido capaz de dar a ilusão de poder, desde que para ele se tratasse de ajudar a liquidar os vestígios do feudalismo, de organizar a dominação capitalista quer sob a forma de capitalismo privado ou sob a forma de capitalismo de Estado, como foi o caso na Rússia; agora que seu papel neste terreno acabou, e a crise coloca diante dele o problema da tomada efetiva do poder pelas massas trabalhadoras, está desmoronando e se dissolvendo com uma rapidez que destrói a coragem daqueles que haviam colocado sua fé nele. Sob suas ruínas estão ocorrendo intermináveis controvérsias, que só podem se apaziguar pelas fórmulas mais ambíguas; pois entre todos os homens que ainda persistem em falar de revolução, talvez não haja dois que atribuam a esse termo o mesmo conteúdo. E isso não é surpreendente. A palavra revolução é uma palavra pela qual matamos, pela qual morremos, pela qual enviamos as massas populares à morte, mas que não tem conteúdo.

Nesse entremeio, porém, talvez se possa dar um sentido ao ideal revolucionário, se não como uma perspectiva possível, pelo menos como um limite teórico de transformações sociais alcançáveis. O que pediríamos da revolução é a abolição da opressão social; mas, para que essa noção tenha pelo menos alguma chance de

ter algum significado, deve-se tomar cuidado para distinguir entre a opressão e a subordinação dos caprichos individuais a uma ordem social. Enquanto houver uma sociedade, ela cerceará a vida dos indivíduos dentro de limites muito estreitos, impondo suas regras sobre eles; mas essa inevitável restrição merece ser chamada de opressão apenas na medida em que, devido ao fato de causar uma separação entre aqueles que a exercem e aqueles que a sofrem, coloca esses últimos à disposição dos primeiros, impondo, assim, a pressão daqueles que comandam sobre aqueles que executam, de tal modo a esmagá-los física e moralmente. Mesmo após essa distinção, não há nada a princípio que sugira que a supressão da opressão seja possível ou mesmo concebível apenas como um limite. Marx deixou bem claro, em análises das quais ele próprio ignorou o alcance, que o atual regime de produção, ou seja, a grande indústria, reduz o trabalhador a ser apenas uma engrenagem na fábrica e um simples instrumento nas mãos daqueles que a dirigem; e é inútil esperar que o progresso técnico possa, por uma diminuição gradual e contínua do esforço de produção, aliviar, até que quase desapareça, o duplo fardo sobre o homem da natureza e da sociedade. O problema é, portanto, bastante claro; trata-se de saber se é possível conceber uma organização da produção que, embora impotente para eliminar as necessidades naturais e a restrição social dali resultante, pelo menos permitiria ser exercida sem esmagar, pela opressão, mentes e corpos. Em um momento como o nosso, ter compreendido claramente esse problema talvez seja uma condição para poder viver em paz consigo mesmo. Se alguém consegue conceber concretamente as condições dessa organização libertadora, resta apenas exercer, para se mover em direção a ela, todo o poder de ação, pequeno ou grande, à sua disposição; e se alguém entende claramente que a possibilidade de tal modo de produção não é sequer concebível, ganha-se pelo menos o poder de se resignar legitimamente à opressão, e parar de acreditar que é cúmplice no fato de que nada eficaz está sendo feito para evitá-lo.